



Trinta anos no Ca

Quase três décadas após a encenação por Ariane Mnouchkine, o Festival de Outono traz a Lisboa, em estreia mundial, a nova versão de um grande épico do teatro documental. No S. Luiz, *A história terrível mas inacabada de Norodom Sihanouk* são nove horas de cena para 30 actores e músicos khmer que contam na sua língua a história do seu país

Vanessa Rato,
em Paris



mboja

Houve um momento fundamental na chegada à cena de *A história terrível mas inacabada de Norodom Sihanouk, rei do Camboja*. Um acaso que nada teve que ver com Ariane Mnouchkine, a encenadora, a sua companhia, o Théâtre du Soleil, ou Hélène Cixous, a autora da peça, que estreou em 1985 e é hoje um clássico contemporâneo dos estudos teatrais.

Terá sido por volta de 1975. Esse era o quinto ano do Soleil na Cartoucherie, a antiga fábrica de munições no Bosque de Vincennes, na orla de Paris, onde a companhia trabalha ainda hoje. No Camboja, Pol Pot e o seu Kampuchea acabavam de chegar ao poder. A rainha Monineath e Norodom Sihanouk, o Rei Pai, que a população tratava como "Monseigneur Papa", estavam presos no palácio real de Phnom Penh, guardados por crianças-soldado.

Vendo-se um fantoche do Khmer Vermelho e apercebendo-se do que começava a passar-se no seu país, Sihanouk terá planeado fingir-se doente para, uma vez transportado até à China, tentar evadir-se e alertar o mundo sobre o arranque do genocídio que acabaria por matar quase dois milhões dos seus súbditos - cerca de um quarto da população cambojana. O plano fracassou. Dois dos seus filhos, exilados, aterraram nessa altura numa Phnom Penh irreconhecível. Sihanouk vinha de Praga, Ranariddh de Aix-en-Provence. O regime contactara-os por telegrama. Mensagem breve: "Voltem a casa." Assinado: "Papá e Mamã".

Isto contou o hoje rei Sihanouk a Georges Bigot, o actor que, na estreia da peça, em 1985, interpretou Sihanouk e que assume agora, com Delphine Cottu, a encenação da nova versão deste grande épico do teatro documental - nove horas de trabalho de cena durante as quais se narram 30 anos do drama contemporâneo do Camboja, desta vez com actores khmer e em khmer.

Nos anos da construção e estreia francesa de *A história terrível mas inacabada...*, o então príncipe Sihanouk vivia em Paris. Era professor de dança. Dava aulas no 5º arron-



dissement. Nesse mesmo prédio vivia a mãe de Bigot e os dois cruzavam-se com regularidade à porta. Foi ali que em 1992 ou 1993 se falaram pela última vez antes de Sihanouk se tornar rei.

Chovia, e os dois estavam de guarda-chuva em punho. Sihanouk falou a Bigot sobre as suas dúvidas em aceder ao pedido da família, que queria que representasse na Unesco a casa real khmer, de novo instituída. Da vez seguinte que se encontraram, em 2007, Bigot estava no Camboja para começar já a preparar a nova versão de *A história terrível mas inacabada...*

Sihanouk abdicara três anos antes, cedendo lugar a Sihanouk. E foi em audiência real que este contou a Bigot como na década de 1970 passara os seus anos de cativo em Phnom Penh e a importância disso na atribuição de autorização ao Soleil para a construção de uma peça em que, contrariando a constituição cambojana, o rei era retratado.

Em 1975, o palácio ancestral da coroa cambojana fora transformado pelo Khmer Vermelho numa carcaca esvaziada, feita de apenas paredes. Sob constante ameaça de morte, Sihanouk, o seu irmão e os seus pais tinham acesso a muito pouca comida. A dada altura, conseguiram autorização para cultivar uma pequena horta. Começaram eles próprios a tratar a terra, muitas vezes



"O que interessa é dar a compreender que há decisões, tomadas por líderes, que têm consequências terríveis"

com as crianças-soldado a apontarem-lhes metralhadoras à cabeça gritando: "Trabalha, escravo!" E foi assim que, um dia, sob o pó, Sihanouk encontrou um livro, provavelmente caído dos camiões de transporte da Real Biblioteca Cambojana para a pira em que foi queimada pelos seguidores do Kampuchea. Era uma edição em francês de *Ricardo II*, a única peça de Shakespeare que retrata a deposição de um rei.

Durante os quatro anos de cativo em que esfregava os chãos do palácio de joelhos, fingindo render-se aos khmer vermelhos quando, na realidade, interiormente, prestava homenagem a antepassados que tinham vivido naquela mesma casa, *Ricardo II* foi a leitura constante de Sihanouk, que, depois, em 2007, mostraria a Bigot os esconderijos onde foi guardando o seu livro.

É possível que, ao príncipe, a peça tenha parecido um decalque da história da sua própria família. Henry Bolingbroke a depor e substituir no trono o seu primo Ricardo II, feito prisioneiro no palácio de Pomfret, tal como o príncipe Sirik Matak se aliara aos poderes americanos da época de Kissinger e Nixon visando retomar para a sua linhagem o trono antes entregue pelos franceses ao seu jovem e maleável primo Sihanouk, então ainda um estudante de liceu. Aconteceu que, findo o cativo, Sihanouk chegou a França no momento em que o Soleil levava à cena precisamente essa peça, o primeiro de três trabalhos de Shakespeare que o grupo faria até 1984.

Bigot interpretou Ricardo II. "A ideia era que o Shakespeare fosse uma escola para aprendermos a actuar e nos prepararmos para o grande projecto do Soleil: contar a história contemporânea do mundo", recorda o actor e encenador.

Foi depois que Mnouchkine propôs *A história terrível mas inacabada de Norodom Sihanouk...* E Sihanouk serviu de emissário da companhia junto do pai.

"O que Ariane nos contou foi que na juventude tinha feito uma viagem fundadora com uma amiga, que mais tarde se tornaria na grande fotógrafa [e documentarista belga] Martine Franck, [segunda] mulher [do fotógrafo francês Henri] Cartier-Bresson", conta Bigot.

Como muita gente naquele período, Ariane e Martine apaixonaram-se pelo Camboja, então "o país da felicidade" ou "o país do sorriso" - um pequeno território asiático miserável, certamente, e com um povo extremamente pobre, mas, também, aos olhos ocidentais, o cenário paradisíaco do regresso a uma simplicidade perdida.

Na verdade, bem antes do Shakespeare, Mnouchkine já queria trabalhar sobre este país, mas não conseguia encontrar o autor e não conseguia escrever ela mesma a peça. Tinha feito uma ou duas tentativas, mas não resultara. Estava à espera. E é então que se encontra com Hélène Cixous. "Até então, a Hélène nunca escrevera uma peça desta dimensão, com tantas personagens, uma peça que conta 30 anos de história. Era enorme!", recorda ainda Bigot.

São 60 personagens, na altura feitas por jovens actores franceses e, agora, na nova versão, por 30 actores e actrizes da escola e companhia Phare Ponleu Selpak de Battambang. A mesma província do noroeste do Camboja onde, em 1967, sem desconfiar das traições que começavam a apertar o cerco à sua volta, Sihanouk ordenou a repressão de um levantamento de camponeses que o seu primo Sirik Matak e o seu Ministro do Interior, o futuro presidente Lon Nol, transformariam num massacre de centenas, visando quebrar a imagem do rei junto do povo.

Em silêncio

Quando a encenação de Mnouchkine arrancou, Bigot tinha 30 anos. O actor e encenador reconhece que, tal como toda a gente, "sabia pouco"

A história terrível mas inacabada de Norodom Sihanouk

Dias 19 e 20 o espectáculo é apresentado em duas partes (às 20h30). No dia 21 é apresentado na íntegra (às 16h). Todas as apresentações são feitas em khmer (legendas em português)

sobre a história do país, apesar das fortes ligações históricas entre a França e esse seu antigo protectorado oitocentista, independente apenas em 1953.

Tal como acontece hoje em relação a outros países, "o mundo mantinha então um silêncio incrível em relação ao Camboja", explica. "Quando Ariane nos contou a história do país, senti-me enormemente tocado. Fez-me compreender muitas coisas."

"Tratava-se", sublinha Bigot, "de estabelecer através do Camboja uma metáfora sobre o mundo da nossa época."

Em 1985, como em 2013. Apenas à distância de três décadas. "Então, eu era um jovem que em 1975, aos 20 anos, se batera nas últimas manifestações contra a guerra no Vietname, contra a direita francesa. Era aquilo a que chamavam um 'porco esquerdista' [sale, voyou, crasseaux gauchiste]". E cheguei ao teatro não para fazer uma carreira de artista, de estrela de cinema, mas para um combate. Um combate pela inteligência."

Então, diz Bigot, "havia uma verdadeira demanda no teatro". O tipo de demanda na base, por exemplo, do tipo de processo de trabalho que o Soleil mantém até hoje e, segundo o qual, os ensaios começam sem que qualquer actor seja apontado para um papel específico.

Foi assim, também, no Camboja, com esta nova encenação de *A história terrível mas inacabada...*

Em 1985, "no primeiro dia, a Ariane não me disse vais ser Sihanouk", conta Bigot. "É o trabalho da equipa que vai, a dada altura, mostrar quem fará que papel. É aquilo a que chamamos 'as evidências', com um actor a encontrar melhor uma personagem do que outra."

Bigot encontrou o rei Sihanouk. "Foi muito surpreendente, porque Sihanouk era, já de si, uma personalidade muito teatral, na sua maneir-



ra particular de agir, no seu corpo, na sua voz..."

Mnouchkine não quis que Bigot visse fotografias ou filmes, ouviu registos sonoros ou se documentasse especialmente sobre o rei cambojano. "A ideia não era fazer uma cópia", recorda o actor e encenador, referindo, no entanto, que na realidade quando o espectáculo estreou muitos dos que conheciam Sihanouk apontaram semelhanças notáveis.

Entre os que, à época, assistiram ao espectáculo e viram um "quase verdadeiro Sihanouk" estava o então presidente François Mitterrand. E o próprio Sihanouk, mais o seu filho Sihamoni, que assistiu também a muitos dos ensaios.

"Eu não estava a imitar Sihanouk", sublinha Bigot, "foi, na verdade, a voz que saiu de mim por causa do texto." Este, diz o actor e encenador, é "um enorme fluxo em que Cixous compreendeu tudo do grande rio de palavras de Sihanouk": "Não conseguimos dizer este texto calmamente. Há um momento em que a voz sobe, e de repente estamos a falar assim [com voz aflautada], e já partimos, já somos Sihanouk. Portanto, foi pelo interior e pela verdade que cheguei ao meu Sihanouk de teatro."

Destas vezes, surge no corpo de uma jovem actriz khmer esse "pequeno homem com a sua voz de trompete, que se dizia 'realista, budista e socialista' e que se batia com unhas e dentes pelo sonho de uma sociedade melhor, não só no seu país, mas no mundo inteiro, enquanto membro dos países não-alinhados".

É ela, quase constantemente em cena, e um dispositivo cénico extremamente simples - um palco de madeira, um fundo de cortinas e um desfile imparável de inimigos.

Sihanouk, diz Bigot, "bateu-se como um cavaleiro do mundo moderno pela independência do seu país, uma independência não americana, não soviética, não francesa, não chinesa, mas uma independência cambojana, tal como os franceses se bateram em tempos por uma independência francesa e não americana". "Para mim", diz o actor e encenador, "Sihanouk era e é um homem da estatura do [herói da resistência fran-

Todos os actores da peça são khmer. No entanto, vários deles, conheciam nomes como o de Pol Pot e Lon Nol mas não percebiam realmente a história do seu país

cesa, na II Guerra Mundial] Jean Moulin, do [poeta, novelista e dramaturgo romântico] Victor Hugo... Um grande homem contra o qual a pequenez dos nossos intelectuais erigiu barreiras."

Sihanouk "era o Camboja". Por isso, tornou-se também no eixo central da peça de Cixous e da encenação de Mnouchkine. E tudo no Soleil foi montado para apoiar essa ideia. À época, conta Bigot, quando as pessoas chegavam ao teatro encontravam um enorme estaleiro de cenários. "Entravam no Camboja", "um Camboja pelo imaginário e pela humanidade", a "enorme construção angkoriana" de um teatro isabelino feito moderno.

A argentina Liliana Andreone, que na altura era já relações públicas do Soleil, lembra-se sobretudo da emoção dos refugiados e emigrantes cambojanos que todas as noites assistiam à peça em Vincennes. Lembra-se, em particular, de uma mulher que foi aos bastidores em lágrimas perguntar como podia a autora da peça ter sabido uma frase que ela tinha um dia dito a uma amiga, escondidas num refúgio durante um dos ataques aéreos de 1973, quando o exército norte-americano, face a ordens do presidente Nixon, aconselhado por Henry Kissinger, transpôs a guerra do Vietname para o Camboja, descarregando sobre o país mais de dois milhões de toneladas de bombas.

"Durante os ensaios, houve momento de emoções muito, muito fortes. Enquanto nós ensaiávamos havia pessoas a morrer, gente a viver na miséria, no inferno, portanto, nós comovíamos-nos muito", recorda Bigot. "Ainda que este seja um espectáculo militante, de denúncia, era, ao mesmo tempo, um espectáculo apostado em acordar o público para o drama cambojano e, também, apostado em reflectir sobre o futuro do mundo. Porque havia - e há - todo um mundo que se confron-



"Acredito que [a peça] vai contribuir para para um debate histórico que ajudará a responder a questões de hoje. Delicadamente e com respeito"

ta e batalha todos os dias."

Bigot não tem dúvidas sobre o erro da actuação internacionalista face a muitos dos grandes protagonistas da história mundial: "O que interessa neste espectáculo é dar a compreender que há decisões tomadas por homens e mulheres, líderes, que têm consequências terríveis. Formidáveis também, às vezes, mas muito frequentemente terríveis. É preciso saber chamar as coisas pelos nomes. Não são os americanos que carregam no botão - é uma única pessoa que tem o poder de decidir. E o que se faz a essa pessoa? Sobretudo quando, ainda por cima, lhe damos o Nobel

da Paz, como se fez com Kissinger? Para mim, contar esta história é também perguntar porque demos o Nobel a um assassino, a um homem que deveria estar sentado no banco dos acusados ao lado de Khieu Samphan, com Nixon, Mao Tsé-tung, um homem que deveria ser acusado pelo povo cambojano e internacional. Eu não teria qualquer hesitação em fazê-lo. Claro que sou apenas um artista, tenho que me conformar às leis do meu mundo, mas posso também lançar o meu grito."

Em 1985 nenhum dos actores do Soleil tinha alguma vez estado no Camboja. "Era impossível, recorda Bigot, "o exército vietnamita tinha ocupado parte do país, havia ainda khmer vermelhos em algumas regiões, e havia minas por todo o lado. Era muito perigoso."

Mnouchkine e Cixous voltaram ao Camboja para a construção da peça,

nal de luto, Sihamoni apresentou-se nesse momento de cabelo rapado. "Foi muito comovente porque imediatamente a seguir libertou 400 prisioneiros", recorda ainda Bigot. "Foi uma das homenagens que obtive do Governo. Eram prisioneiros comuns, havia mulheres, crianças... Sihamoni fez um discurso de esperança. Foi muito belo."

Bigot não vê, contudo, com *naïveté* o reinado do seu conhecido de longa data. "As diversas facções cambojanas procuraram quem podia suceder a Sihanouk e chegou-se a Sihamoni porque ele tinha acabado de chegar [ao país] e não tinha qualquer facção, ao contrário dos outros príncipes sobreviventes ao regime Khmer. No fundo, escolheu-se o sucessor mais neutro. Da mesma maneira que, no seu tempo, os franceses escolheram Sihanouk que, depois de uns anos a aparecer na *Paris Match* e tudo o mais, um dia acordou e disse: 'Sou rei, mas também sou socialista, e quero a independência do meu país.'"

Bigot diz que a história cambojana ameaça agora reiniciar um ciclo de sofrimento e talvez morte. "A história repete-se, é de loucos!", vociferou.

Talvez fosse, por isso, tanto mais importante que o espectáculo conseguisse cumprir o objectivo primeiro da sua nova posta em cena: ver-se apresentado no Camboja. "Falhámos em 2011", lamenta Bigot, que é, no entanto, cauteloso.

Em 2011 Sihamoni e o pai, Sihanouk, já tinham dado a sua bênção ao projecto. Faltou, no entanto, a devida autorização governamental. A comissão do Ministério da Cultura local emitiu um parecer desfavorável. "O pretexto foi o facto de algumas personagens da peça estarem ainda vivas e em julgamento", diz o actor e encenador.

É o caso de Khieu Samphan, que foi ministro de Sihanouk e, depois, um dos mais importantes nomes do regime Khmer. "Do nosso ponto de vista, podemos falar num acto de censura, mas é preciso conhecer a actual situação do Camboja para saber que não podemos impôr este espectáculo. É preciso tempo para que seja aceite. Todas as personagens fazem medo naquele país e a situação actual é muito frágil. É preciso ser delicado ao abrir a memória recente. Os cambojanos estão a construir um futuro, não estarão capazes de ir já revolver a sua memória."

A jovem actriz que agora interpreta Sihanouk confirma essa perspectiva. Diz que, em volta, no seu país, vê os jovens a querer uma mudança, mas, nas últimas eleições, ela própria não votou. Não conseguiu. Alguers, há um homem que vota sempre em nome dela.

"As pessoas têm que abrir os olhos. Esta é uma história de humanidade e aventura artística", diz Bigot. "Apresentar esta peça no Camboja, por artistas khmer, em khmer, para um público khmer... Hei-de bater-me sempre por isso. Acredito que vai contribuir para um debate histórico que ajudará a responder a questões de hoje. Delicadamente e com respeito."

